

2

A metafísica e o esquecimento do ser

O pensamento de Heidegger nasceu vinculado à modernidade e à situação do mundo após a Primeira Guerra Mundial, em especial à situação da Alemanha; neste momento histórico em que o homem se reconhece como um ser finito com possibilidades infinitas, cuja única impossibilidade é escapar do seu caminhar em direção à morte. Na modernidade o homem começa a duvidar dele mesmo e do sentido de sua existência, ganha certezas, nomeia os seres e as coisas, nomeia-se a si próprio, mas perde sua fé no mundo.

O projeto moderno, baseado numa racionalidade subjetivista, determinou a alienação do homem em relação a sua condição originária de “ter-lugar”, distinguiu-o do todo, provocou a cisão entre ele e o outro, entre o sujeito e o objeto, e por consequência separou-o do mundo e ao mesmo tempo abandonou-o na multidão do “ser-ninguém”. A modernidade inaugurou a experiência que descobre a finitude no pensamento do infinito, que está preso aos conteúdos, pois, ao tentar encontrar significados, abre uma distância intransponível entre o ser e as coisas. Heidegger deseja romper com esse paradigma do conhecimento moderno no qual o próprio ser se torna um objeto de pesquisa científica, em que tudo se objetiva.

Heidegger afirma que com o aprofundamento do pensamento moderno e o intenso esquecimento do ser que se dá no império técnico-científico, aquilo que tinha se reduzido a objeto, assim como o próprio sujeito, é dissolvido em prol da disponibilidade, da manipulação e apropriação. Em seu livro *Ser e Tempo*, vê-se presente uma crítica profunda à tentativa de objetivação do mundo que esbarra na inseparabilidade do sujeito e do objeto propostas por ele. Para Heidegger, a questão da verdade não pode ser abordada através do sujeito que observa, pois a relação entre sujeito e objeto é colocada em dúvida como método de apreensão da verdade, uma vez que esta só pode ser encontrada no próprio ser e não na sua divisão. A subjetivação e a objetivação, que até então pareciam ser as únicas maneiras de se pensar, para o filósofo, só provocaram pulverização e disseminação. Talvez na dissolução dessa dicotomia entre sujeito e objeto exista esperança para que o pensamento possa ponderar sobre o sentido do ser, que é pensar a essência do homem.

O pensamento metafísico, ao postular a essência como algo eterno e imutável, a negou ao homem. Afirmar uma essência é postulação que já nasce morta uma vez que nega a experiência da manifestação, do aparecimento. Para esse filósofo essência é possibilidade, é presentificação, é o vir à presença, é realizar potencialidades. Essência é essencializar-se; não é sujeito, é verbo. Para o filósofo, o pensamento deve levar uma coisa à plenitude de sua essência, deve garantir a essencialização, deve deixar que uma coisa seja. Deve deixar-ser.

Para Heidegger, é preciso deixar que o ser simplesmente seja. No seu pensamento as coisas simplesmente são, o ser é, e para recuperar o ser das coisas, para recuperar a experiência do ser, é necessário levar o compromisso fenomenológico de retorno às coisas mesmas até as últimas consequências. “Retornar as coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala”³. Para o filósofo, o que deve ser mostrado pela fenomenologia não é algo que se torna explícito para uma subjetividade, mas sim aquilo que é velado e que constitui seu sentido e fundamento. Para Heidegger os fenômenos são o meio de toda e qualquer manifestação daquilo que tende a velar-se, eles tornam manifestos ao mesmo tempo em que velam o ser do que é. Existe então, na essência do ser, uma tendência ao encobrimento, uma timidez que oculta ao mesmo tempo em que manifesta.

Para o filósofo os fenômenos devem ser compreendidos na sua articulação com o todo para se tornarem o meio da manifestação do sentido do ser. O desvelamento da verdade do ser, o retorno ao originário e a abertura para a essência têm lugar nos fenômenos do mundo, naquilo que existe de mais próximo. Para ele, “o desvelamento é essencialmente fático”⁴, o que significa que o desvelamento tem lugar na existência fática, em situações concretas que se manifestam na cotidianidade, onde o mundo se apresenta fenomenologicamente. O contato cotidiano com um objeto não apenas apresenta sua utilidade, mas também fala daqueles que com ele convivem.

Na tentativa de resgatar essa questão que considera essencial em toda a sua obra – o ser do que é –, Heidegger decide abandonar a teologia e mergulhar na história da filosofia ocidental, o que chama de metafísica, buscando recuperar nos

³ OSÓRIO, Luiz Camillo. *A forma como lugar: uma leitura da arte contemporânea*. Tese de doutorado em filosofia, Departamento de Filosofia, PUC - Rio, 1998.

⁴ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, parte I. Tradução de Márcia de Sá Calvancante. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 290.

seus princípios a origem do esquecimento do ser. O filósofo sustenta que o niilismo trazido pelo domínio da tecnologia é o resultado do pensamento metafísico iniciado com Platão, que teria encontrado seu ápice no racionalismo de Descartes. Para ele, desde o início de sua trajetória, a história da metafísica é marcada pela entificação do ser, pois, ao pensar, a metafísica sempre pensa em algo; é sempre o pensamento de alguma coisa. Podemos identificar que ao formular a simples questão “o que é?”, nessa experiência primeira, o ser já passa a ser pensado como algo e já começa a ser esquecido. Supor que o ser seja algo é, para Heidegger, a armadilha do pensamento metafísico, pois, ao tentar responder “o que é”, a filosofia coisifica o ser. Para ele, todos os filósofos, de Platão a Nietzsche, promoveram em seu pensamento a entificação do ser.

Para Heidegger, portanto, o pensamento metafísico sobre o ser até então o distancia dele próprio, torna-o outra coisa, identifica-o com algo que não é ser, é ente. Para este filósofo a história do pensamento, ao colocar o ser como ente, torna-se a história da coisificação do ser, e o ser não pode ser compreendido através de nenhum ente. Para o filósofo a verdade do ser permanece distante do pensamento metafísico. Para pensar originariamente a verdade do ser é necessário libertar-se da apropriação técnico-científica que transforma o ser em objeto de pensamento cuja essência se reduz a conceitos, teorias, serventias, produtos, ciências etc. Para pensar originariamente se faz necessário abandonar a filosofia, pois, na transformação do pensamento em conhecimento, o ser do pensar é esquecido. O esquecimento da verdade do ser em favor da supremacia do ente é o sentido da decadência e da inautenticidade tão afirmadas por Heidegger. Para este filósofo nós somos inautênticos na medida em que esquecemos o ser, na medida em que estamos fechados para a abertura do que somos e estamos abertos somente para o ente. Somos decadentes uma vez que somos entes de nós mesmos. Para Heidegger a tarefa do pensamento deve ser a de voltar-se à autenticidade. Ponderar sobre o ser é a busca pela autenticidade, pois o pensamento originário é “pensamento é pensamento do ser”⁵. O filósofo procura, então – sem sucumbir ao niilismo, pois igualar o ser ao nada também seria uma forma de coisificação do ser –, retomar a experiência do pensar para encontrar alternativas para se aproximar da verdade do ser, erradicando a coisidade do ser. Ele coloca essa busca como

⁵ Id. *Sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1995, p. 28.

urgente, pois cada vez mais na história ocidental o pensamento está se afastando da experiência da totalidade e a apreensão da verdade vai se tornando mais fragmentada.

2.1.

Sobre a criação do ser humano e a dicotomia sujeito-objeto

Talvez o verbo seja outro e podemos imaginar que, dentro do pensamento de Heidegger, o ser não é, ele “se-dá”.

Para Heidegger os conceitos e definições não dão conta do que somos. Definir já é metafísico: “toda determinação da Essência do homem, que já pressupõe, em si mesma, uma interpretação do ente sem investigar a questão sobre a verdade do ser, é metafísica.”⁶ A modernidade definiu o homem como animal racional, determinação esta que, embora não seja falsa, é condicionada pela pergunta metafísica “o que é o homem?”. A pergunta que não é feita pela metafísica diz respeito à verdade do ser em si mesmo, e de que modo a essência do homem pertence à verdade do ser. Para Heidegger essa questão é inacessível à metafísica, “o digno-de-ser-questionado é o que, antes de tudo, se dá ao pensamento com o que há de ser pensado.”⁷ Nessa demora, o ser continua a esperar tornar-se digno-de-ser-pensado por ele mesmo. Talvez por ser e pensamento serem indissociáveis.

O filósofo propõe que toda metafísica é humanista, e todo humanismo é metafísico, pois o humanismo define o homem, em vez de levá-lo à sua Essência. Em sua busca pelas origens do esquecimento do ser, no seu livro *Sobre o Humanismo*, Heidegger coloca que para os pensadores gregos pré-socráticos o ser fora compreendido como presença e a verdade como desvelamento. A interpretação grega do ser e do ente se funda numa experiência mais originária de seu desvelamento, os gregos nomeavam esta presença de *hypokeimenon*, “a experiência grega fundamental do ser e dos entes no sentido da presença.”⁸ Posteriormente, com a apropriação romano-latina, o *hypokeimenon* grego tornou-

⁶ Id. Ibid., p. 37.

⁷ Id. Ibid., p. 38.

⁸ Id. *A Origem da Obra de Arte*. Coleção Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa: Edições 70, 1992, p.16.

se *subjectum* – aquilo sobre o qual a oração diz algo – e, de acordo com Heidegger, “o desenraizamento do pensamento ocidental começa com esta tradução”⁹. O conceito de *subjectum* permite então que se deduza uma mudança de posição da metafísica com relação ao ser. E, pela primeira vez, se pensa e aspira a *humanitas*. O *homo humanus* se opõe ao *homo barbarus*. Segundo Heidegger é com os romanos que encontramos o primeiro humanismo. Passando pela Idade Média, quando o ser passa a ser concebido como criatura divina, e o homem-humano como filho de Deus – que em Cristo encontra a vida eterna e a passagem para o “verdadeiro” mundo –, até chegar (sem pensar numa linearidade progressiva) no pensamento moderno, que reduz tudo o que não é o sujeito do pensamento a objeto. Na modernidade, que edifica suas bases em Descartes e em Kant, o ser passa a ser concebido como Eu, como consciência, como medida para todas as coisas, como aquele para o qual todo o resto existe. O sujeito cartesiano atravessa tudo aquilo o que é. O homem moderno passa a ser entendido como ser humano. Para Heidegger, todos aqueles que pensaram os seres enquanto humanos são representantes da filosofia da consciência.

Podemos afirmar que para Heidegger o sujeito é histórico e que todas as formas de humanismo que se apresentam são determinadas a partir de uma interpretação da verdade do ente em um determinado momento histórico. Podemos afirmar que a história do ser carrega e determina a condição humana, porém, a condição humana está sempre se consumando, se presentificando, nunca passou e sempre está por vir. Sendo a história uma maneira de olhar o passado que se abre no modo de ser do presente, não é, e não será jamais o que foi. Portanto, na abertura do ente, o ser humano ali permanece enquanto durar sua presentificação.

Mas em que consiste a humanidade do homem? Humanismo é cuidar para que o homem seja humano e não inumano? Como dar sentido para a palavra humanismo se “por humanismo se entende o esforço tendente a tornar o homem livre para a sua humanidade e a levá-lo a encontrar nessa liberdade sua dignidade, então o humanismo se diferenciará segundo a concepção de ‘liberdade’ e de ‘natureza’ do homem.”¹⁰. Nesse filósofo, vê-se presente uma crítica profunda ao

⁹ Id. Ibid., p.16.

¹⁰ Id. *Sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1995, p.36.

humanismo e ao conceito de consciência, pois, para o retorno ao originário e para buscar a verdade do ser é necessário colocar em questão o humanismo e a metafísica. Insistir no humanismo é, para Heidegger, fechar a porta para a existência do ser; faz-se necessário desistir do humanismo para salvar o homem. Para este filósofo “a metafísica pensa o homem a partir da *animalitas*, não o pensa na direção de sua *humanitas*.”¹¹, e somente através de uma crítica ao humanismo será possível reposicionar a subjetividade de tal modo que o sujeito não seja mais o centro, mas sim parte da experiência do pensamento. O pensamento de Heidegger não está em oposição à humanidade, o que ele pretende é ir além do humanismo moderno, ele quer superá-lo em defesa do homem. O filósofo pretende dar conta do ser-que-é-o-homem e atingir um pensamento que vislumbre somente o ser.

2.2.

Quem vem após o sujeito? Ou o que vem após o sujeito?

E sim, isso é uma provocação...

Heidegger tenta fazer justiça ao ser que é o homem situando o conceito de sujeito no *dasein*, transferindo o eu, a consciência do sujeito para *dasein*. O *dasein* é o “ser-aí”, sem dúvida um dos pontos mais importantes abordados pelo seu pensamento. O termo ser-aí vem para abraçar em uma única palavra o ser do homem e a relação do homem à abertura do ser enquanto tal.

Para o filósofo nós somos afetados pelo ser; o que somos nós se caracteriza pela dúvida existencial, pela compreensão do ser das coisas, pela indagação do que é ou não é. Ser-aí é esse ente capaz de questionar o seu próprio ser. Ligia Saramago, em seu livro *A Topologia do Ser*, escreve a respeito: “um permanente *tomar consciência de si a partir de si mesmo*, um compreender-se *como possibilidade* que se torna consciente de seu *ser-possibilidade* num processo desencadeado no interior dos fenômenos e na concretude dos fatos.”¹².

¹¹ Id. Ibid., p.40.

¹² PÁDUA, Ligia Teresa Saramago. *A “Topologia do Ser”*. Lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. Tese de doutorado em filosofia, Departamento de Filosofia, PUC – Rio, 2005.

O ser que é o homem, em sua solidão, interroga-se sobre si mesmo, e neste momento o ser dá-se a conhecer. O homem é para Heidegger o único ente dotado da capacidade de pensar o sentido do ser. Para uma pedra ou para um animal, por exemplo, seu próprio ser sempre permanecerá oculto. O ser-aí, ao contrário, constitui-se de um pensar em seu próprio ser, e de um pensar os entes que com ele convivem. Para Heidegger somente o ser-aí é capaz de pensar na existência do que está. E pensar é pensar o ser. Dessa maneira, o filósofo conclui que ao homem foi dada a guarda da verdade do ser, pois, nas suas palavras, ele “foi lançado pelo próprio ser na verdade do ser”¹³; e “o homem é o pastor do ser”¹⁴. Nesta guarda o homem pode encontrar o que é destinado a sua essência: pensar a essência de sua existência. O ser-aí se essencializa na clareira do ser, ou seja, em função de uma abertura onde o ser é para si mesmo.

No pensamento heideggeriano, o desvelamento do ser que se dá no ser-aí é o fenômeno original da verdade mesma. É na compreensão do ser que o ser-aí tem presente sua verdadeira existência. Para Heidegger, “suposto que no porvir, o homem possa pensar a verdade do ser, então ele pensará a partir da ec-sistência. Pois é ec-sistindo que ele está no destino do ser.”¹⁵. A capacidade de ir para além do ente em direção à essência do ser é, para o filósofo, a condição da existência do ser enquanto tal: “chamo ec-sistência do homem, o estar na clareira do ser. Esse modo de ser só é próprio do homem.”¹⁶. O ser-aí é, portanto, para o filósofo, um ser lançado na ec-sistência, uma projeção do passado e uma probabilidade futura. O ser-aí é a possibilidade de ser que é na intranquilidade do que se atualiza incansavelmente e interminavelmente; é uma futuralidade, é uma possibilidade. Aí é o âmbito da possibilidade, da presença, é onde as coisas aparecem como são, e somente o ser-aí pertence e habita este âmbito, pois as coisas enquanto tais se revelam para o ser-aí. O ser-aí não é uma simples presença, ele é aquele para o qual as coisas estão presentes.

No pensamento de Heidegger o ser-aí é pura abertura, não é um em si, é a possibilidade e a potencialidade de ser e de querer ser, de estar e de desejar estar, e até mesmo esse potencial é e deve ser atualizável para a preservação de sua ec-

¹³ HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1995, p.50.

¹⁴ Id. Ibid., p.51.

¹⁵ Id. Ibid., p.59.

¹⁶ Id. Ibid., p.41.

sistência. A ec-sistência pensada por este filósofo, enquanto caráter fundamental daquele que, e só ele, habita a clareira do ser – o lugar onde o ser se torna manifestação – se diferencia então da existência pensada metafisicamente, que é o ser-simplesmente-dado. A ec-sistência do ser-aí é projetar-se constantemente para fora de si mesmo em seu agir em direção ao mundo, portanto, o ec-sistir se dá em uma espacialidade, a abertura do ser depende de um lugar para o seu acontecer. O ser-aí é um ser essencialmente espacial.

Segundo o filósofo, o ser-aí é na intranquilidade do que se atualiza incansavelmente e interminavelmente num primordial espaço-temporalizar-se. “Aí” é o âmbito onde se dá a união indissolúvel entre o espaço e o tempo; em termos ontológicos, é o modo do ser que aparece em algum lugar e em algum momento. O “aí” remete igualmente a “aqui” e “lá”, que segundo Heidegger somente são possíveis no “aí”. Através da abertura essencial, o ser-aí unifica em si o “aqui” e o “lá” e faz-se “aí” para si mesmo, o que não significa que o ser-aí aprisione dentro de si o próprio espaço, mas sim que é o campo de abertura do mesmo em um mundo. Ligia Saramago afirma que o ser-aí é o ponto referencial para o estabelecimento de todo e qualquer sentido de espacialidade. Para a autora, o ser-aí não se encontra jamais dentro ou fora de algum lugar, mas ele mesmo configura seu próprio espaço-tempo para sua ação, ele espacializa e temporaliza ao simplesmente existir. Podemos constatar que o ser-aí e o espaço se copertencem, um espaço-tempo de onde nunca poderá escapar, sem o qual não pode existir. Heidegger diz: “ao atribuímos espacialidade ao *dasein*, temos evidentemente que conceber este ser-no-espaço a partir de seu modo de ser.”¹⁷. Ele está no espaço enquanto o concebe, é o construtor do próprio existir. O ser-aí ordena, instaura, inaugura o espaço apenas “estando-sendo”.

O ser-aí traz para a luz o espaço, a compreensão do espaço é simultânea ao entendimento do próprio ser. Não há apreensão do espaço que esteja isolada da percepção do agir e do mover-se do ser-aí. O ser-aí abre espaço enquanto age, enquanto se move, enquanto vive, enquanto existe faticamente. O espaço da ação do ser-aí é uma estrutura dinâmica, em movimento. É um projeto temporal. Podemos dizer que não há espaço fora da configuração dos movimentos do ser-aí.

¹⁷ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, parte I. Tradução de Márcia de Sá Calvancante. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 152.

O desvelamento do próprio ser do ser-aí tem lugar no interior da existência fática, pois é nos fenômenos do mundo que uma ontologia fundamental capaz de pensar o ser pode estabelecer suas raízes. O “ser-aí”, portanto, está imerso numa vida fática, ele é o centro da espacialidade fática, facticidade é o próprio ser do ser-aí. Assim, toda e qualquer relação espacial é dependente do agir do ser-aí no mundo, ou seja, de sua facticidade. Toda e qualquer compreensão de sua espacialidade acontecerá a partir de sua vida cotidiana, a partir daquilo que lhe é mais próximo. Os entes que o cercam são fundamentais para a configuração do seu espaço, do seu lugar, e de si mesmo; “o *dasein* é um ser espacial junto ao mundo com o qual se ocupa.”¹⁸.

O ser-aí não só está no espaço como é capaz de orientar-se, de se direcionar nele, e ao fazê-lo, ao agir neste mundo, abre sua própria espacialidade como espaço vivido pela sua corporeidade, onde estão fundados seus sentidos, que lhe trazem a experiência do mundo. O impulso de orientação e direção nasce do estar do ser-aí em um mundo público e compartilhado no qual somente ele habita. Em seu agir, o ser-aí dispõe os objetos segundo duas necessidades e em locais acessíveis a ele. É a partir do mover-se do ser-aí em direção aos objetos que Heidegger identifica três elementos que considera essenciais para a estrutura fenomênica do espaço: distanciamento, região e orientação. Brevemente podemos descrevê-los respectivamente como: a possibilidade de aproximação ou de anulação das distâncias; o livre dentro do qual pode haver movimento; e o “para onde”, que permeia toda a atividade do ser-aí. Direcionar-se ou orientar-se numa região só é possível diante da compreensão dos lugares do mundo através da percepção de seus marcos, caminhos e sinais. A percepção e a identificação somente são possíveis num conjunto de referencialidades previamente conhecidas.

A espacialidade originária do ser-aí só pode ser encontrada no movimento de estar permanentemente lançado para fora de si; é um espaço que não se deixa restringir ou delimitar, mas que ao mesmo tempo se permite e necessita ser habitado. O “aí” carrega em si a questão do habitar, pois, para Heidegger, somente quem habita o “aí” pode aparecer e se perguntar o que é que está no âmbito da aparição. Habitar em Heidegger significa cuidar, abrigar, cultivar. A corporeidade do ser-aí determina em sua própria espacialidade originária o seu habitar, o que o

¹⁸ Id. Ibid., p. 170-171.

diferencia do instrumento, que na sua materialidade ocupa um espaço na medida em que está “à mão”. O ser-aí, ao ocupar um lugar, habita na verdade do ser. O ser-aí é “o que deve antes de mais nada ser experienciado como o lugar da verdade do ser”.¹⁹.

No pensamento de Heidegger um sujeito transcendental e lógico é substituído por um ser-aí fático, fenomênico, que só é capaz de existir enquanto tal por estar imerso num mundo. O ser-aí é em um mundo, é no encontro com o mundo. Sua existência fática ganha concretude enquanto “está-no-mundo”.

2.3. E o que significa estar-no-mundo?

Para Heidegger o ser-aí existe a partir do momento em que está no mundo, em que se torna presente no mundo, quando e enquanto ele se dá no mundo. O ser-aí existe como uma abertura que se coloca no mundo junto com tudo o que está além dele. O ser-aí funda seu habitar no mundo; somente o ser-aí que somos nós habita o mundo e permanece nesta abertura. O ser-aí existe, então, como “ser-no-mundo”, e este último é o modo de ser do ser-aí que se caracteriza originariamente pela presença no mundo. O filósofo afirma que somente o ser-aí “tem mundo”, isto é, não há ser e além dele o mundo. O ser-no-mundo não é um eu, uma subjetividade que está no mundo, uma abstração em que existe um Ele e as coisas, pois mundo e ser-aí são indissociáveis. A impossibilidade de objetificação do mundo deve-se à impossibilidade de separação entre o mundo e o ser-aí. O ser-aí é onde sujeito e objeto interpenetram-se num mesmo e único fenômeno, o lugar onde as fronteiras entre o eu e o mundo se desfazem. Ser-aí e mundo se formam mutuamente.

A unidade entre o ser-aí e o mundo revela uma inevitável identificação entre a espacialidade do mundo e a espacialidade do ser-aí. Para Heidegger nenhuma espacialidade pode ser concebida como independente da espacialidade fática do mundo que se origina no agir e mover-se do ser-no-mundo. A espacialidade existencial do ser-aí é o espaço vivenciado e está fundada em seu ser como ser-no-mundo. O espaço é a estrutura de encontro do mundo e não pode ser concebido

¹⁹ FRANCK, Didier. *Heidegger e o problema do espaço*. Lisboa: Instituto Piaget, 1986, p. 20.

longe da totalidade referencial que é o mundo, pois está vinculado ao que há de mais habitual na existência, o mundo é uma localidade habitável. Heidegger diz: “o tipo de espacialidade que pertence ao *dasein*, e sobre cujas bases a existência a cada vez determina o seu ‘lugar’, funda-se na condição de ser-no-mundo”²⁰. O termo espacialidade refere-se a uma instância originária, refere-se diretamente ao mundo; a espacialidade fática tem sua origem no mundo.

Mundo é, para Heidegger, uma estrutura constitutiva, referencial e ontológica do ser-aí. É o horizonte hermenêutico onde tudo pode ser reconhecido como tal. Mundo é o espaço de inteligibilidade em relação às coisas, é a totalidade referencial na qual o ser-aí está. O “mundo é o sempre inobjectal a que estamos submetidos enquanto os caminhos do nascimento e da morte, da benção e da maldição nos mantiverem lançados no Ser”²¹. O ser deixa-se reconhecer enquanto tal diante da totalidade referencial que é o mundo. Para o filósofo não existe pura receptividade, mas sim uma disposição em relação às coisas que, no seu pertencimento ao mundo, já possuem um significado. As coisas já possuem uma compreensão prévia delas mesmas, que se origina no mundo. O ser-aí não se relaciona com o inteiramente novo, mas com aquilo que já existe, num copertencimento no mundo.

Reconhecer-se para Heidegger significa abrir-se. “O homem está ‘na’ abertura do ser. Mundo é a clareira do ser, à qual o homem se ex-põe por sua Essência lançada”²². Portanto o ser-aí que é o homem se “ex-põe” para a verdade do ser que ele e outros são, e a abertura enquanto tal só se dá para quem habita o mundo. O desocultamento do ser pode apenas acontecer neste todo relacional, pois somente a partir do ser-no-mundo o ser-aí pode ser compreendido. Ser-aí é um ser que nunca se apreende a partir de si mesmo, mas sim a partir do mundo. Na estrutura de encontro inerente ao mundo o significado aparece. Aquilo que se mostra diante do ser-aí no mundo traz consigo a totalidade. O mundo é o local do desencobrimento, do aparecimento; “a forma como o mundo é compreendido irá

²⁰ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*, parte II. Tradução de Márcia de Sá Calvancante. Petrópolis: Vozes, 1997, p 89-90.

²¹ Id. *A Origem da Obra de Arte*. Coleção Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa: Edições 70, 2004, p. 35.

²² Id. *Sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1995, p.79.

repercutir ontologicamente sobre o modo pelo qual o próprio *dasein* é interpretado”²³.

2.4

A verdade do ser demora no deixar-ser da linguagem

O homem, este ser que pensa, este ser que é o que pensa e que pensa seu próprio pensar, tem uma relação fundamental com o que escapa ao pensamento, com a dimensão do impensado. Este ser só se delineou no mundo quando o pensamento acolheu dentro de si seu negativo, sua dimensão do que lhe ultrapassa: o impensado. E assim o pensamento é ocupado pelo impulso de pensar o impensado, de assim reconciliar o homem com sua morada, de fazê-lo habitar o mundo.

Para Heidegger parece possível pensar o ser na sua verdade, pensar o outro na sua verdade, parece possível a experiência de autenticidade. Heidegger acredita que há algo a ser pensado, embora pensar o algo seja não pensar. Para este filósofo o pensamento consoma a essência do ser, o pensamento restituiu a essência do ser. A restituição consiste em que no pensamento o ser se torna linguagem, a salvação do pensamento para o filósofo está na linguagem. Para Heidegger, “no pensamento o ser se torna linguagem, a linguagem é a casa do ser, em sua habitação mora o homem.”²⁴. E “nela morando, o homem ec-siste na medida em que pertence à Verdade do ser, protegendo-a e guardando-a”²⁵. “É pensando que a ec-sistência habita a casa do ser”²⁶.

Para Heidegger o ser é na linguagem e pela linguagem. Para o pensamento conseguir chegar à linguagem, para a verdade do ser se fazer linguagem, esta necessita mais de silêncio do que de palavras, do repouso no silêncio; o homem deve aprender a pensar no inefável para se aproximar da verdade do ser. Heidegger diz: “as coisas se tornam compreensivas quando para elas existe uma palavra disponível. Então a coisa ‘é’. Mas o que se passa com esse ‘é’? A coisa é.

²³ Id. *Ser e Tempo*, parte I. Tradução de Márcia de Sá Calvancante. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 43.

²⁴ Id. (1995). *Sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1995, p. 24.

²⁵ Id. *Ibid.*, p.55.

²⁶ Id. (1995). *Ibid.*, p. 96.

Será que o ‘é’ é ele mesmo coisa sobreposta sobre outra, colocada sobre outra como um capuz?”²⁷.

Para Heidegger, assim como a palavra, o ‘é’ também não pertence às coisas existentes. Somente no silêncio da linguagem a palavra pode ser a morada do ser.

Para Heidegger o ser é graças à doação da linguagem do ser, ela garante o âmbito onde o saber se dá, ela é a fenda que nutre o âmbito onde tudo é. A existência do pensamento está interligada à existência da linguagem. A linguagem surge como uma forma de comunicação e transmissão do saber, como o ato de tornar público um pensamento. Cada língua é o acontecimento do dizer, do qual emerge a verdade para um determinado povo que a emprega. Para o filósofo, o esvaziamento da linguagem ameaça a essência do homem. A decadência da linguagem vem do fato de ela estar dominada pela metafísica da subjetividade, pela tecnociência. A linguagem recusa-nos a sua essência e se entrega como um instrumento para o domínio do ente.

Heidegger quer ultrapassar o pensamento representacional, e encontra na Arte a elaboração de uma linguagem fora da representação. Como concebida pelo filósofo, a arte é um contraponto capaz de resistir ao domínio da técnica e da produção industrial, ao racionalismo científico e à representação. A arte é capaz de restituir a um “povo histórico” o seu rosto; esta só é arte porque presentifica, porque tem uma essência poética, é *poiesis*. A Poesia no pensamento heideggeriano é linguagem em sua Essência e acontece na linguagem porque esta preserva sua origem. Heidegger diz que quando usamos a linguagem poeticamente a morada do ser é aberta e que o dizer da Poesia faz aparecer o indizível ao mundo. “O que se diz genuinamente é o poema”²⁸. A poesia consegue colocar em palavras aquilo que não encontrou outra maneira para ser dito e tornado público, ela é o âmbito originário da verdade. A experiência poética acena para o que se dá, não para o que é – Heidegger usa a expressão “dá-se”²⁹. A poesia fala por imagens, diz Heidegger, e a natureza da imagem é deixar ver. “O poema tece imagens poéticas. Poetizando o poeta imagina algo que poderia existir realmente. É a imaginação poética que se exprime na fala do poema.”³⁰. A poesia é capaz de

²⁷ Id. “A Linguagem”. In: *A Caminho da Linguagem*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004, p. 150.

²⁸ Id. Ibid., p. 12.

²⁹ Id. Ibid., p. 151.

³⁰ Id. Ibid., p. 14.

concretizar as totalidades que escapam à ciência. O poema é um dizer genuíno, inaugural, da verdade do ser que é dita através de imagens poéticas. “A experiência poética acena para o que se dá não para o que é. Usamos a expressão dá-se. A linguagem fala. O que buscamos no poema é o falar da linguagem.”³¹.

Para Heidegger, o homem habita entre a palavra e a obra de arte, a palavra inaugura o mundo e a obra de arte dá presença ao mundo; “entendida como deixar-habitar, poesia é um construir”³². O filósofo, em seu ensaio sobre a técnica, estava certo ao recorrer a Hölderlin, quando este disse: “cheio de méritos, mas poeticamente / o homem habita nesta terra.”³³

Pensar é um ato perigoso e necessário para sair do deserto e encontrar no mundo a sua morada, a cada retorno, a cada nova visita. O homem habita esta terra enquanto habita o mundo que abre e vela a verdade, enquanto “deixa-ser”. É um deixar-ser que cuida, guarda, abriga.

³¹ Id. Ibid.

³² Id. “... poeticamente o homem habita...”. In: *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 167.

³³ Id. Ibid., p. 168.